

CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NA ESCOLA

De Marco, CLST. O aluno com síndrome de Asperger em sala de aula. Temas sobre Desenvolvimento 2011; 18(102):63-5.

O aluno com síndrome de asperger em sala de aula

carmem lydia da silva t. de marco

Pedagoga, Psicóloga, Pós-graduada em Terapia Familiar Sistêmica (PUC/SP), Especialista em Psicologia Escolar e Clínica (CRP), Diretora do Colégio Pauliceia e Projeto de Trabalho Integrado, São Paulo, SP.

CORRESPONDÊNCIA

Carmem Lydia da Silva Trunci de Marco
direcao@colegiopauliceia.com.br

RESUMO

O ALUNO COM SÍNDROME DE ASPERGER EM SALA DE AULA: Neste artigo se enfatizam características da síndrome de Asperger relevantes para a escolarização de alunos com essa condição. Discorre-se sobre o papel da escola no atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com essa síndrome, bem como são listadas orientações aos professores que tenham em sua sala de aula alunos com a síndrome de Asperger. Enfatiza-se tanto o papel da família quanto o vínculo família-escola para o sucesso da escolarização desses alunos.

Descritores: Síndrome de Asperger, Inclusão escolar, Necessidades educacionais especiais.

ABSTRACT

THE STUDENT WITH ASPERGER'S SYNDROME IN THE CLASSROOM: Characteristics of Asperger's syndrome relevant for the school inclusion of students with such condition are emphasized in this paper. The role of the school for attending the special educational needs of students with this syndrome is discussed, and orientations to teachers are listed. The role of the family and the importance of the family-school bond of union are emphasized for the success of the school inclusion of students with Asperger's syndrome.

Keywords: Asperger's syndrome, Inclusion, Special educational needs.

O autismo é considerado um transtorno do desenvolvimento de base neurobiológica, caracterizado por quadro comportamental peculiar. As características básicas são anormalidades qualitativas e quantitativas que, embora muito abrangentes, afetam de forma mais evidente as áreas da interação social, da comunicação e do comportamento¹.

Os estudos atuais complementam e refinam, mas não alteram de modo fundamental, a descrição desse transtorno do desenvolvimento feita por Kanner e Asperger há seis décadas. O autismo é uma síndrome de gravidade variável e de consequências cognitivas e comportamentais bastante irregulares².

Muito embora não conste de nenhuma classificação oficial, o termo Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) tem sido amplamente utilizado para se referir a três dessas condições que têm aspectos em comum: o autismo infantil (AI), a Síndrome de Asperger (SA) e o Transtorno Global do Desenvolvimento sem Outra Especificação (TGD-SOE)¹. Vamos nos ater, neste artigo, à síndrome de Asperger (SA), condição que ocorre com variações expressivas de níveis de severidade.

A SA é um quadro de alta funcionalidade no qual se constata alterações nas três áreas de desenvolvimento observadas nos quadros autísticos. São pessoas com habilidades cognitivas extremamente irregulares, nas quais convivem expoentes de memória repetitiva e habilidades visuais com profundos déficits de senso comum e de julgamento. Chama atenção a rigidez e a resistência a mudanças, os comportamentos repetitivos (estereotípias) e o discurso incomum. Observa-se falta de interesse espontâneo em dividir experiências e falta de reciprocidade social, alguns padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, inflexibilidade para mudanças de rotinas, com a presença ou não de rituais não funcionais. No geral, tendem ao isolamento social com expressiva falta de habilidade para interagir. Essa inabilidade social advém da incapacidade de reconhecer de maneira suficiente o pensamento dos outros, impedindo-os de ter uma postura empática (teoria da mente).

As pessoas com SA apresentam nível intelectual médio ou acima da média, fala e linguagem peculiares, superficialmente perfeitas em expressão, embora com alterações de prosódia, timbre, tom e altura de voz, com falhas de compreensão, incluindo interpretações literais. No nível de comunicação não verbal apresentam uso limitado de ges-

tos, linguagem corporal desajustada, expressão facial limitada ou imprópria, olhar fixo, peculiar e dificuldade para proximidade física. Geralmente apresentam interesses obsessivos por áreas específicas. É comum observar-se presença de hiperlexia ou memória para calendários¹.

O papel da escola

Considerando que se encontra documentado e aceito que houve uma escalada na taxa de diagnóstico de autismo nas últimas duas décadas², a escola tem que se posicionar quanto ao atendimento dessas crianças. Observem bem: se uma única criança com essa condição chegar a qualquer escola, ela deve ser bem cuidada. No entanto, estatisticamente é provável que muitas cheguem a todas as escolas.

Pensando nesse aspecto é importante refletir sobre a forma como as crianças aprendem, como as escolas ensinam e o que ensinam, onde se pretende chegar e como organizar o currículo, a proposta pedagógica, os professores e a escola como um todo para desempenhar o seu papel com os alunos que apresentam essa condição.

Quando pensamos em um programa educacional para indivíduos com TEA, devemos nos preocupar em auxiliá-los a adquirir habilidades funcionais e, assim, desenvolver seu potencial e minimizar comportamentos mal adaptativos que possam interferir na sua aprendizagem. Essas duas questões caminham sempre juntas. A escolarização desses alunos requer dos educadores atenção diferenciada. O plano de trabalho a ser seguido deve ser multidisciplinar e individualizado. Nosso principal objetivo será obter mudanças comportamentais funcionais que se generalizem.

O êxito do programa depende de uma avaliação abrangente do planejamento coordenado dos aspectos médicos, psicológicos, terapêuticos auxiliares e educacionais. Os serviços devem ser centralizados no indivíduo e em sua família, e todos devem estar orientados em uma mesma direção.

Resultados satisfatórios têm sido obtidos a partir da Análise do Comportamento Aplicada, sob o foco da Teoria do Desenvolvimento, e utilizando os princípios do ensino estruturado. Uma boa avaliação de repertório nos dará a linha de base da qual partiremos para estruturarmos os programas.

O currículo a ser desenvolvido deve ser abrangente, funcional e manter uma sequência estruturada, dentro de um ambiente de ensino que ofereça oportunidade de aquisição e generalização das habilidades trabalhadas, com previsibilidade e rotina. O programa deve prever o planejamento da transição para outros contextos e o envolvimento da família.

O que é o aprendizado nesses casos? É a modificação do comportamento a partir da qual o indivíduo passará a dar respostas diferentes das que dava inicialmente. Ora!

Pensar na modificação do comportamento é pensar na modificação do ambiente. Aprender é sempre assim! A diferença é que, para esses indivíduos, o processo de generalização, preservado nas pessoas com comportamento típico, não existe espontaneamente; logo, é preciso partir da habilidade a ser ensinada em pedacinhos e, assim, construir a nova aprendizagem.

Pensar educação de forma a promover uma inclusão com resultados é uma tarefa altamente desafiadora. Imaginar que isso possa ocorrer numa mesma classe com muitos alunos e preocupações conteudistas é no mínimo ingênuo.

Nesse sentido, defendo a manutenção de uma classe com menor número de alunos, onde os educadores envolvidos estudem essas questões e promovam os ajustes educacionais / comportamentais necessários. Essa classe é composta por alunos que possam ter suas necessidades educacionais especiais atendidas, constituindo-se um sistema efetivo de aprendizagem contínua. Mesmo em classes com essa característica, algumas vezes é necessária a presença de AP (atendimento personalizado), situação em que mais um educador, treinado nos princípios da Análise do Comportamento, estará trabalhando com alunos com TEA que necessitem de apoio específico. Essa estratégia tem sido utilizada sempre que os padrões de comportamento aberrantes impeçam o aproveitamento pedagógico almejado.

Esse programa exige da escola um plano de trabalho multidisciplinar, realmente individualizado, a fim de atenuar os déficits de habilidades, aumentar o controle comportamental e garantir resultados satisfatórios. É importante contar com uma equipe composta de psicólogos especialistas em Análise do Comportamento, fonoaudiólogos escolares, terapeutas ocupacionais e professores habilitados treinados nessa metodologia e envolvidos com seus alunos e com os resultados a serem obtidos.

Orientando os professores

O primeiro passo é preparar o professor fornecendo-lhe a possibilidade de compreender o que acontece com o seu aluno. É útil explicar as características da síndrome, fazendo-o entender que, apesar do quadro, cada criança / jovem / adulto é único, e que cabe a nós organizarmos o ambiente para que ele (o aluno) possa se aproximar do que esperamos dele. Nesse sentido, é fundamental orientá-lo (o professor) a partir dos princípios da Análise do Comportamento, de forma a ensiná-lo a realizar uma avaliação de contingências (análise funcional) dos comportamentos disruptivos, além de preparar sequências de ensino adequadas.

É importante que tenhamos boa avaliação de repertório para que, a partir dela, possamos construir uma linha de base para os programas almejados. A inclusão se efetiva

na metodologia e no currículo. O próximo passo será o ajuste curricular. Devemos aproximá-lo do ponto em que o aluno está e buscar novas aquisições, preferencialmente utilizando a aprendizagem sem erro³, e é útil trabalharmos a partir do centro de interesse do aluno.

Temos obtido bons resultados com o aproveitamento desses interesses, às vezes obsessivos e disfuncionais no trabalho pedagógico. Isso exige uma programação criteriosamente estruturada que associe essas questões ao todo pedagógico a ser ensinado.

Para as questões comportamentais aberrantes, temos utilizado registros de frequência e análise funcional do comportamento com a introdução do reforçamento diferencial. Em geral, essas estratégias envolvem a presença de AP.

Programas que contemplam diversos talentos (como música, teatro, dança, desenho, informática e academia de ginástica) têm se mostrado bastante eficientes para alguns alunos. Citamos, como exemplo, o caso do aluno L, concluinte do Ensino Médio alternativo no Colégio Pauliceia em 2010, onde obteve muito sucesso por frequentar classes com menor número de alunos, professores especialistas de área acompanhados por professor tutor, adequação curricular e estímulo direcionado ao seu centro de interesse. L apresentava alteração significativa no padrão interativo, comunicação peculiar com presença de estereótipos (como manter ouvidos tamponados pelos dedos e olhos fechados), grande inflexibilidade para mudança de rotinas, e interesses específicos, no caso conteúdos relacionados a “ninjas” (incluindo que se dizia um) e à informática. Ao longo do seu processo escolar, o aluno recebeu estimulação nas diferentes áreas de estudo com currículo adaptado, construído a partir das suas aquisições. O assunto “ninja” virou um excelente programa na academia de ginástica mantida pelo colégio, que muito favoreceu o seu desenvolvimento. Quanto à questão da informática, L sempre demonstrou interesse. Com 7-8 anos já era bem ativo. Segundo relato da mãe, frequentava fóruns de debate e, embora não soubesse o idioma inglês, se interessava tanto pelos conteúdos que conseguia se comunicar. Ao chegar à escola em 2008, no 1º ano do Ensino Médio, era um excelente usuário de informática e atento jogador de *games*. No final do 3º ano, ficou bem claro para nós e para ele que, além de jogar, L queria desenvolver *games*. Nessa altura do processo, nossos professores na área de informática já haviam ensinado o que sabiam a ele. No ano seguinte à conclusão do Ensino Médio, propusemos um projeto específico para L. Esse projeto envolvia áreas pedagógicas que o preparariam para o vestibular e uma professora que, no caso, era uma arquiteta pós-graduada em educação especial e com repertório necessário para ministrar aulas que o levassem a adquirir instrumental

técnico que o preparasse para o passo seguinte, que seria buscar formação específica para desenvolvimento de *games*. É importante salientar a participação intensa da família tanto ao nível de apoio afetivo / comportamental quanto na área técnica, uma vez que o pai domina esse repertório. Após seis meses de programa, o aluno foi aprovado para ingresso à universidade, e hoje cursa a Faculdade de Tecnologia em Jogos Digitais no Senac. Mantém todas as características do quadro, tem necessitado alguns ajustes, mas permanece firme em seu interesse que está se tornando funcional.

Considerações finais

Apesar das inúmeras dificuldades, é possível oportunizar ao aluno com síndrome de Asperger uma escola adequada, que tenha como objetivo ajudar indivíduos com esse transtorno a adquirir habilidades funcionais e concretizar seu potencial assim como a reduzir a frequência de comportamentos mal adaptativos que possam interferir no seu desempenho.

Para que isso efetivamente ocorra é preciso um tratamento multidisciplinar e individualizado. Dessa maneira, é possível atenuar os déficits de habilidades, aumentar o controle comportamental e garantir resultados satisfatórios a médio e longo prazo.

Intervenções educacionais precoces, orientadas de modo comportamental e associadas a terapias reabilitadoras suplementares cientificamente comprovadas, e acompanhamento farmacológico adequado (quando necessário), nos parecem o melhor caminho. Ainda assim, há diferenças individuais bastante grandes na resposta ao tratamento.

Devemos buscar atividades que se mostrem prazerosas para esses alunos e torná-las reforçadores poderosos. Tais atividades quase sempre estão associadas a interesses específicos que podem, assim, se transformar em algo funcional.

Finalizando, deve-se salientar a importância da participação da família. É preciso um programa contínuo de orientação de pais e cuidadores, baseado nos princípios da Análise do Comportamento, buscando o alinhamento entre Lar e Escola, fundamental para a evolução do aluno.

Referências

1. Schwartzman JS, Araújo CA. Transtornos do Espectro do Autismo. São Paulo: Memnon; 2011.
2. Tuchman R. Autismo: Abordagem neurobiológica. Porto Alegre: Artmed; 2009.
3. Sidman M. Aprendizagem sem erros e sua importância para o ensino do deficiente mental. *Psicologia* 1985; 11(3):1-15.